

# O problema da essência humana em Marx

Gedeão Mendonça de Moura<sup>1</sup>

**Resumo:** Por que a noção de essência ou natureza humana [*menschliche Wesen/Natur*] em Marx é um problema de ordem teórico-filosófica? Pelo seguinte: para que uma teoria materialista e histórica seja, de fato, mais profícua e consequente, acredito que uma noção essencializada de homem não contribui muito para o seu desenvolvimento, na verdade, pode até mesmo prejudicá-lo. Como algumas das proposições básicas, que são os esteios dessa teoria, afirmam que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 1974, p. 136); ou que não se trata de explicar “a práxis [isto é, a realidade material e social] partindo da ideia”, mas sim de explicar “as formações ideais a partir da práxis material” (MARX & ENGELS, 2007, p. 43), não vejo como é possível conceber qualquer conceito de modo fixo, menos ainda o conceito de homem. Ora, assim como encontramos importantes indicativos do materialismo de Marx no conjunto de toda sua obra, o mesmo ocorre com o seu conceito de homem, cujo propósito é estabelecer aquilo que o homem é essencialmente, já que ele se ocupa da descoberta da natureza desse ser. E como, além disso, as relações de produção atuais negam a essência do homem, esta somente se atualizará no futuro, quando as formas de produzir, uma vez transformadas, se adequarão a ela. Desse modo, o conceito de homem que daí decorre se revela *a priori* e escapa à história, cuja teoria materialista do próprio Marx assegura que a ela nada escapa.

**Palavras-chave:** homem; essência; natureza; materialismo.

## I

Embora Marx nunca tenha se detido longamente sobre a questão, parece que ele sempre procurou estabelecer, à sua maneira, o conceito de homem. Antes e depois de conceber, em 1845-1846, as bases do seu materialismo, a tarefa de determinar aquilo que o homem é não foi deixada de lado. Esse conceito pode ser encontrado, sem maiores modificações, por exemplo, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* e em *O Capital*, passando, inclusive, por *A Ideologia Alemã*; ou seja, é possível localizá-lo tanto nos escritos da juventude quanto nos escritos da maturidade do autor.<sup>2</sup>

Data de 1835, quando Marx tinha apenas 17 anos, um texto, intitulado “Reflections of a Young Man on the Choice of a Profession”, no qual ele anuncia alguns elementos que vão sustentar, em alguma

1. Doutorando em filosofia pelo PPGF-UFBA. Bolsista Fapesb.

2. Assim, não há nenhum exagero em declarar que em Marx “o problema do homem ocupa o lugar central” (SCHAFF, 1967, p. 28).

medida, o seu conceito de homem futuramente. Em um trecho desse escrito, Marx alega que a escolha de uma atividade profissional não deve conduzir o indivíduo apenas à realização de sua própria perfeição; essa escolha deve resultar no empenho em contribuir para o bem-estar da humanidade em geral. Pois, para Marx, a *natureza do homem* é constituída de modo tal que ele só pode atingir a sua própria perfeição na medida em que trabalha para contribuir com a consumação da perfeição de seus semelhantes. Caso contrário, um homem pode até se tornar muito famoso, pode vir a ser um grande erudito, um poeta excepcional, mas, não obstante, ele jamais será verdadeiramente um grande homem.<sup>3</sup> O que Marx está querendo dizer com isso é que se apenas o interesse individual for levado em consideração, em detrimento do interesse coletivo, o homem não será de fato um homem, porque cuidar somente do interesse particular depõe contra sua própria natureza.

Com isso, ainda que de forma muito rudimentar e ligeira, Marx já começa a apontar para uma noção de natureza ou essência do homem que é um contraponto direto a qualquer conceito de homem que tem por fundamento, por exemplo, o egoísmo, visto que a natureza humana, segundo sua concepção, é uma natureza comunitária, social.

Em 1844, no que ficou conhecido como os “Comments on James Mill, *Élémens d’Économie Politique*”, Marx já fala abertamente sobre a sua concepção de que a natureza do homem é a verdadeira comunidade dos homens, e essa natureza se manifesta na medida em que o homem cria e produz essa mesma comunidade, essa entidade social, que não é um poder abstrato universal que se opõe ao indivíduo

---

3. “But the chief guide which must direct us in the choice of a profession is the welfare of mankind and our own perfection. It should not be thought that these two interests could be in conflict, that one would have to destroy the other; on the contrary, man’s nature is so constituted that he can attain his own perfection only by working for the perfection, for the good, of his fellow men. If he works only for himself, he may perhaps become a famous man of learning, a great sage, an excellent poet, but he can never be a perfect, truly great man” (MARX, 1975a, p. 8).

singular, mas se trata da própria *natureza essencial* de cada indivíduo (MARX, 1975b, p. 217). Assim, o lugar de manifestação da natureza humana é a comunidade humana, fora dela não há propriamente homem. Marx retoma essa ideia, usando as mesmas expressões, em outro texto dessa mesma época, chamado “Critical Marginal Notes on the Article ‘The King of Prussia and Social Reform. By a Prussian’”, ao declarar que a *natureza humana* é a *verdadeira comunidade* dos homens, e, logo adiante, reforça que a comunidade, na qual o indivíduo reage para não ser dela separado, é a *verdadeira* comunidade do homem, é a *natureza humana* (MARX, 1975b, pp. 204-205). Dito de uma forma mais adequada, fora dela [da comunidade] o homem, sem dúvida, não deixa de existir; no entanto, devido a esse fato, a sua natureza se encontra, necessariamente, *negada*.

Nesses primeiros textos, Marx começa a inserir um elemento fundamental para a fixação da sua noção de natureza ou essência humana, elemento esse que será retomado não apenas nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, mas também no decorrer de toda sua obra. A saber, Marx identifica a natureza humana com a atividade vital [*Lebenstätigkeit*] do homem. É através dessa atividade que ele tem diretamente confirmada e realizada a sua verdadeira natureza, a sua natureza humana, a sua natureza comunal (MARX, 1975b, p. 228). Dessa maneira, segundo Marx, os produtos do homem podem ser visto como espelhos por meio dos quais é refletida a sua natureza essencial<sup>4</sup>. É diante disso que é possível assegurar que a essência ou natureza do homem é o trabalho, e o trabalho como sendo uma atividade através da qual os objetos são postos no mundo, tais objetos nada mais são do que a exteriorização da natureza essencial do homem.<sup>5</sup>

---

4. “Our products would be so many mirrors in which we saw reflected our essential nature” (MARX, 1975b, p. 228).

5. Por isso é possível afirmar que o produto do trabalho é “objectified man’s essential nature” (MARX, 1975b, p. 228).

Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx continua trabalhando para melhor formular o seu conceito de homem e destacar as características fundamentais da natureza ou essência desse ser. Ele trata de reforçar que a verdadeira natureza do homem é uma natureza comunal [*Gemeinwesen*] ou genérica [*Gattungswesen*], isto é, social, e que, por isso, só pode se realizar na comunidade humana, visto que é impossível a existência do homem isolado. Assim, o homem só se constitui como homem em virtude de suas relações com os demais.

Mas, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx constata que a essência do homem, devido às relações que são contraídas na forma de produzir especificamente capitalista, se encontra negada. Assim, o produto do trabalho como exteriorização de si deixa de ser a confirmação da natureza essencial do homem. De modo que o trabalho se torna apenas algo “externo ao trabalhador”, algo que “não pertence ao seu ser”, através do qual “ele não se afirma”, “mas nega-se nele”. Esse trabalho “pertence a outro, é a perda de si mesmo”, é o completo “*estranhamento de si [Selbstentfremdung]*” (MARX, 2004, pp. 82-83).

A superação dessa alienação é uma promessa de futuro. O retorno do homem a si, a reconciliação consigo mesmo e com sua própria essência é algo que só pode ocorrer no comunismo. Pois essa é a condição para “a *apropriação* efetiva da essência humana pelo e para o homem”, é o “retorno do homem para si enquanto homem *social*, isto é, humano”. O comunismo põe fim ao antagonismo do homem com a natureza e ao conflito “entre essência e existência”, “entre liberdade e necessidade”, “entre indivíduo e gênero” (MARX, 2004, p. 105). Desse modo, não é exagero dizer que o homem só será verdadeiramente homem no comunismo, uma vez que passa a ser essa a condição de possibilidade para a realização de sua natureza essencial.

## II

Em *A Ideologia Alemã* – marco da fundação do seu materialismo –, Marx também procura estabelecer o conceito de homem, cujo esteio principal é a sua noção de essência humana. O problema é que essa noção tem um caráter estritamente metafísico, é ela, propriamente, um dos principais temas da metafísica ocidental. Ainda mais que, nesse texto, o próprio Marx procura afastar a sua concepção de mundo de qualquer noção que possa estar vinculada à tradição metafísica/idealista. Tanto que ele vai sustentar que “os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais”. Tais pressupostos “são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação”. Para Marx, esses pressupostos têm a vantagem de ser “constatáveis por via puramente empírica [*Diese Voraussetzungen sind also auf rein empirischem Wege konstatierbar*]”<sup>6</sup> (MARX & ENGELS, 2007, pp. 86-87).

Diante de afirmações como essas, fica claro que Marx não quer se comprometer com uma concepção de mundo que não esteja fundada em pressupostos reais ou materiais, ou seja, pressupostos que possam ser verificados através da observação e análise empíricas. Sendo esse modo de proceder estranho, portanto, a todos aqueles que defendem concepções de mundo idealistas, cujo pressuposto mais importante é a especulação. Marx ainda esclarece que os seus pressupostos nada mais são que os indivíduos reais, em outras palavras, os homens; e esses devem ser concebidos a partir de suas condições materiais de vida. Logo, o ponto de partida de Marx é o homem real, empiricamente dado. Cumpre defini-lo, então, ou melhor, estabelecer o seu conceito. Mas é possível assim proceder sem que se atribua ao homem uma determinada essência?

---

6. Cf. MARX & ENGELS, 1978, p. 20.

“Pode-se distinguir”, diz Marx, “os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira”, porém, “eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a *produzir* seus meios de vida [*ihre Lebensmittel zu produzieren*]”, e “ao produzir os seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material”. Mais ainda: segundo Marx, os homens se distinguem dos animais não pelo “fato de pensar, mas sim o de começar a *produzir* os seus meios de vida”<sup>7</sup> (MARX & ENGELS, 2007, p. 87).

Como podemos ver, Marx não emprega, nessas observações, a expressão “essência humana”. No entanto, na medida em que ele estabelece o traço *essencial* que distingue os homens dos animais, o autor fornece um conceito de homem, e não é possível formular tal conceito sem saber o que o homem é, em outros termos, sem saber o que é a sua essência. O esforço de Marx, portanto, consiste em destacar o aspecto fundamental que faz do homem aquilo que ele é, não o confundindo, assim, com um outro animal qualquer.

E não é pelo fato de pensar, de ter consciência, religião, etc., que o homem, inicialmente, se distingue dos outros animais, mas pelo fato de produzir os seus meios de vida, sendo a produção desses meios a base sobre a qual desenvolvem o pensamento, a consciência, a religião, etc., visto que esses traços privativos do homem somente se manifestam depois de estabelecido esse ponto de partida [a produção], e são, como tudo mais no homem, um produto social<sup>8</sup>. Com isso, é possível notar o esforço de Marx para conferir um caráter materialista ou empírico ao seu conceito de homem. Portanto, Marx se preocupa com aquilo que o homem verdadeiramente é, interessa-lhe, assim, procurar a essência desse ser.

7. Cf. MARX & ENGELS, 1978, p. 20.

8. “Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens” (MARX & ENGELS, 2007, p. 35).

### III

Como é possível notar, diante dessas rápidas observações, o tratamento que Marx confere ao tema da natureza ou da essência do homem em suas primeiras obras é significativamente especulativo e metafísico. Mas não é só na juventude que Marx vai dar esse tipo de tratamento ao tema em questão; *O Capital* é composto de muitas formulações de caráter metafísico, e não escapa a isso a noção de natureza humana [*menschlichen Natur*] ali elaborada. Em um dos trechos dessa obra Marx diz o seguinte:

A liberdade nesse domínio só pode consistir nisso: o homem social, os produtores associados regulam racionalmente o intercâmbio material com a natureza, controlam-no coletivamente, sem deixar que ele seja a força cega que os domina; efetuam-no com o menor dispêndio de energia e nas condições mais adequadas e mais condignas com a natureza humana [*ihrer menschlichen Natur würdigsten und adäquatesten Bedingungen vollziehn*]<sup>9</sup> (MARX, 1980, p. 942).

Essa afirmação contém uma concepção que está presente em muitos dos escritos de maturidade de Marx. A saber, a concepção segundo a qual o modo de produção capitalista se caracteriza como “uma força cega”, como um processo que não é passível de controle racional e assim se constitui como um sujeito autônomo que passa a dominar e controlar os agentes desse próprio sistema. Se o homem não é capaz de regular racionalmente o seu intercâmbio com a natureza, para Marx, ele perde algo que é fundamental para a sua constituição enquanto homem que é a sua liberdade. Mas “o reino da liberdade” somente “começa onde o trabalho deixa de ser determinado” pela “necessidade” e pela “utilidade exteriormente imposta” (MARX, 1980, p. 942). É o que ocorre com o trabalho na forma social burguesa, na medida em que ele deixa de ser um *fin* em si mesmo para se tornar

9. Cf. MARX, 1964, p. 828.

mero meio de vida. E é com isso que, desde os *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx não está de acordo. Pois o trabalho, como atividade vital e natureza do homem, jamais pode ser concebido como meio, mas somente como fim. É, então, esse tipo radical de alienação ou inversão que o capitalismo opera, e Marx chega à conclusão de que, nessa forma social, a essência do homem se encontra negada.

Para que esse estado de coisas possa ser superado é preciso que ocorra uma mudança radical a exemplo daquela que representa o comunismo nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. A mudança que Marx imagina, n' *O Capital*, é a superação da forma social na qual os produtos do trabalho se tornam entidades autônomas frente àqueles que os criaram e que passam a dominá-los e subjugar-los. Essa forma social, então, terá de dar lugar a uma “forma superior de sociedade [höheren Form der Gesellschaft]” (MARX, 1980, p. 941), na qual os “produtores associados” passarão a regular racional e coletivamente o seu intercâmbio com a natureza. Só assim é possível estabelecer um modo de produzir cujas “condições” sejam “mais adequadas e mais condignas com a natureza humana” (MARX, 1980, p. 942).

Isso mostra que a alienação criada pelo modo de produção capitalista não é apenas a alienação dos produtos do trabalho, mas dessa alienação decorre a mais fundamental de todas que é a alienação da essência ou da natureza humana. É preciso destacar que, com esse tipo de tratamento que Marx confere a essa questão n' *O Capital*, ele está retomando, sem dúvida, o mesmo problema teórico dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, embora a maior parte da tradição marxista tenha, ao longo do tempo, tentado escamotear essa maneira de interpretar o pensamento de Marx. Isso, para tal tradição, se justifica, porque aceitar esse tipo de interpretação é ter, ao mesmo tempo, de sustentar o ponto de vista segundo o qual Marx não abandona os aspectos metafísicos do

seu pensamento na juventude, para se tornar o materialista acabado da maturidade.

Mas quem costuma defender a ideia de que Marx na maturidade não retorna a temas como o conceito de homem ou a noções como a de essência e natureza humana, assim procede porque nota que essas questões levam, invariavelmente, ao terreno da metafísica, e isso acaba contrastando com a concepção materialista que o próprio Marx procurou defender durante sua trajetória intelectual.

Não tem como passar despercebida a semelhança da noção de essência humana, e o tipo de concepção que ela funda, defendida nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, com a noção de natureza humana que se encontra n' *O Capital*. Ambas as noções, por exemplo, só podem ser sustentadas de forma *a priori*, pois a natureza ou a essência do homem nunca foi atualizada historicamente, nunca pôde se manifestar numa forma social determinada, já que a alienação ainda não foi superada. Portanto, como Marx chegou a sua noção de natureza humana? Parece que ele só chegou a essa noção por meio da especulação que se opera diante da constatação imediata do modo como o homem se encontrava em sua época, e aquilo que, hipoteticamente, o homem *deveria* ser. Portanto, é sobre uma projeção do que o homem deve ser no futuro, isto é, o homem puramente social, coletivista, não egoísta, que se assenta a noção de natureza humana de Marx. Assim, para ele, o homem ainda não é, o homem será. Ou melhor, o homem é apenas de forma parcial, mas um dia será “homem total [*totaler Mensch*]” (MARX, 2004, p. 108), quando a forma de produzir se adequará a “natureza humana” (MARX, 1980, p. 942). Dentre outros, é exatamente esse apriorismo – já que não há nenhuma evidência empírica de que o homem venha a ser como Marx o concebe – que produz uma tensão no interior do seu materialismo.

## IV

Essas observações apontam para o fato de que o conceito de homem daí decorrente não se assenta, como um todo, sobre “pressupostos reais” que podem ser “constatáveis por via puramente empírica” (MARX & ENGELS, 2007, pp. 86-87), como assegura a própria concepção materialista de Marx. Assim, parece que a noção de natureza humana para ele e o conceito de homem [como ser social] que dela se segue escapam à história.

Isso posto, gostaria de chamar a atenção para algo que considero importante. Se for levada às últimas consequências a proposição segundo a qual o homem é um ser social e que, portanto, compartilha de uma essência humana social e universal [ainda não realizada no conjunto das relações sociais dadas], é possível sustentar que se trata de uma proposição a-histórica. Pois a socialidade humana seria, assim, um traço essencial passível de ser observado na história passada e impossível de se desfazer na história futura. Aliás, o futuro seria exatamente o tempo no qual o homem, como ser social, se reconheceria enquanto tal, na medida em que a apropriação do produto do trabalho, e não apenas a sua produção, se daria de maneira coletiva, social. Dito de outro modo, como resultado da revolução, a alienação, cujo manto encobre as verdadeiras relações humanas, seria superada. O homem, enfim, se reapropriaria de sua essência à maneira da passagem da potência ao ato.

O que parece, então, comprometer a concepção materialista e “histórica” de Marx, tanto em *A Ideologia Alemã* como em *O Capital*, é justamente o fato de se encontrar nessas obras um conceito de homem que, concebido nos moldes acima examinados, carece de historicidade. Pois o fato de ter sido observado, até o momento, que o homem demonstrou ser um ser social, não garante, de forma necessária e suficiente, que esse fato continuará sendo constatado na história futura. Aliás, nada impede, segundo um ponto de vista materialista e histórico

consequente, que tal fato seja dissolvido num momento vindouro, na medida em que o homem, eventualmente, venha desenvolver um *modo de ser* completamente diverso de tudo aquilo que foi constatado até agora. Mas parece que, para nosso autor, isso não pode acontecer, dado que é exatamente no futuro que o homem virá a ser verdadeiramente homem, já que, emancipado, terá as condições para atualizar todas as suas potencialidades, em outras palavras, realizar a sua essência.

Dessa forma, o materialismo de Marx, embora pretenda ser um materialismo prático, que quer se colocar à frente e superar os materialismos anteriores, que quer ser a antítese de toda concepção de mundo que não esteja ancorada em fundamentos terrenos, materiais e empíricos, acaba por abrigar um problemático conceito de homem, um conceito que, por não ser possível situá-lo de forma suficientemente histórica, parece estar ancorado num fundamento transcendente.

No que diz respeito ao futuro, o ser do homem tem se constituído com total abertura; não há qualquer determinação anterior, guardadas as devidas proporções, que produza, em termos de necessidade estrita, uma determinação futura que possa ser prevista por uma teoria. Assim, é incompatível com um materialismo que se pretende histórico e prático qualquer conceito de homem que – mais do que assegurar uma definição que leve em consideração um dado momento ou circunstância histórica específica – pretenda prever aquilo que o homem será.

## Referências

MARX, Karl. “Reflections of a Young Man on the Choice of a Profession”. In: *Marx & Engels Collected Works*. Vol. I. Trad. Clemens Dutt. London: Lawrence & Wishart, 1975a.

\_\_\_\_\_. “Comments on James Mill, *Elémens d'économie politique*”. In: *Marx & Engels Collected Works*. Vol. 3. Trad. Clemens Dutt. London: Lawrence & Wishart, 1975b.

\_\_\_\_\_. “Critical Marginal Notes on the Article ‘The King of Prussia and Social Reform. By a Prussia’”. In: *Marx & Engels Collected Works*. Vol. 3. Trad. Clemens Dutt. London: Lawrence & Wishart, 1975b.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. “Ökonomisch-philosophische Manuskripte aus dem Jahre 1844”. In: *Karl Marx - Friedrich Engels Werke*. Band 40. Schriften und Briefe, November 1837/August 1844. Berlin: Dietz Verlag, 1968.

\_\_\_\_\_. *Para a Crítica da Economia Política*. Trad. José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro III. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. “Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie”. Buch III. In: *Karl Marx - Friedrich Engels Werke*. Band 25. Berlin: Dietz Verlag, 1964.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. “Die deutsche Ideologie”. In: *Karl Marx - Friedrich Engels Werke*. Band 3. Berlin: Dietz Verlag, 1978.

SCHAFF, Adam. *O Marxismo e o Indivíduo*. Trad. Heidrun Mendes da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.